

O SOM DO SILÊNCIO

COMO ACHAR INSPIRAÇÃO
NA ERA DA INFORMAÇÃO

Tradução do texto original “The Sound of Silence” (Caux Books) por João
Henrique Gonçalves, revisão de Aline M. M. Serpa



A era da informação transformou o mundo, diminuindo o tempo e a distância. A comunicação tornou-se, virtualmente, imediata.

Os meios de comunicação social levam os traumas e as esperanças do mundo para dentro das nossas casas à medida que vão acontecendo. Temos acesso à informação de forma quase que ilimitada ao tocar nas teclas do nosso teclado. Estamos mais conscientes do que qualquer geração anterior das grandes questões sociais, morais e éticas que o mundo enfrenta, que desenvolvem em nós uma forte consciência social.

Estamos mais sábios? Ainda estamos perante injustiças entre o mundo dos ricos e dos pobres, perante o sofrimento de doenças mortais, fracassos sem precedentes no ambiente e na família, conflitos racistas e religiosos, o terrorismo e a guerra. Sentimo-nos demasiadamente inoperantes quanto às questões que o mundo enfrenta e – a não ser que tenhamos acesso ao poder económico e político – somos incapazes de agir contra este estado de coisas.

Contudo, temos mais poder para fazer diferenças – que mudem o mundo – do que em qualquer era anterior. Fazemos campanhas e pressões, protestamos e demonstramos, apoiamos obras de caridade e dedicamos o nosso tempo e energia a causas dignas. Boicotamos os produtos resultantes do trabalho suado e compramos produtos comerciais legítimos. Também fazemos um pouco pela defesa do meio ambiente.

Tudo isto vale a pena, mas não dá sentido às nossas vidas. Para termos uma direção, temos que nos afastar e ganhar perspectivas: refletir sobre o rumo que as nossas vidas estão a tomar.

Como podemos encontrar um objetivo? Como podemos viver numa era de informação – e muitas vezes uma informação com peso excessivo? Como Bernard Margueritte, um veterano jornalista francês comenta: “A doença da nossa era não é a falta de informação, mas a falta de significado”. Na economia do conhecimento, necessitamos de um conhecimento especial para podermos viver em harmonia uns com os outros e com toda a criação. Na agitação da informação mundial, necessitamos de capacidade de discernimento.

COMO CONSEGUIR ESSA CAPACIDADE ?

Como ganhar um sentido de prioridades e uma vida cheia de significado? Como é que as pessoas ocupadas têm tempo e generosidade umas para as outras e tempo livre na confusão da vida? E como é que os desempregados ou os sub-empregados encontram motivação e a sensação de serem úteis?

Necessitamos não só de técnicas de vida mas também de capacidades técnicas. Isto é ainda mais evidente numa altura em que a ameaça do terrorismo e a represália podem nos paralisar de medo – e quando as paixões que existem no fundo do coração de uma pessoa podem ser uma questão de vida ou de morte.

As capacidades técnicas permitem-nos utilizar a informação e a tecnologia. Contudo, com frequência, não nos indicam o que é pernicioso e o que é saudável.

Uma das capacidades mais importantes é saber como se tem acesso ao conhecimento espiritual e à iniciativa que incita o coração e a mente humana. Isto pode ser mais vital do que se aceder à informação pela Internet.

Poder-se perguntar: o que significa “espiritual”? É, essencialmente, aquilo que incita e informa o espírito humano – intangível e não-material. O espírito está relacionado com o nosso sentido de satisfação, bem-estar e felicidade básica da vida. Para os milhões deste mundo que aderem à fé religiosa, também está relacionado à alma – “a base da personalidade humana, do intelecto, da vontade e das emoções”, como está definido num dicionário.

Parece que o nosso cérebro tem uma estrutura para experiências espirituais. Um relatório recente, “Hardwire to Connect” (Programado para se ligar) da Escola de Medicina de Dartmouth, New Hampshire, sugere que o cérebro humano está “biologicamente estruturado para ligações sentimentais persistentes com outras pessoas e para significados morais e espirituais”. Existem áreas do córtex frontal que produzem sentimentos transcendentais. Algumas pessoas exploram isto através das drogas, outros através da música. Contudo, muito mais seguro que as drogas e muito mais comum é a oração e a meditação. Muitos acreditam que isto possibilita uma interligação intuitiva com uma fonte de informação ou um “guia” que está para além da razão humana ou do intelecto.

Em maio de 1956, Frank Buchman, o fundador americano da campanha e do movimento espiritual Rearmamento Moral, agora denominado Iniciativas de Mudança, falava da “eletrônica do espírito” a qual “atinge o globo imediatamente”. Um pensamento pode entrar furtivamente na mente de uma pessoa “a qualquer momento do dia ou da noite” e poderá ser “o pensamento do criador da mente”.

Em 1980, Tim Berners-Lee desenvolveu o software do computador que tornou possível a rede mundial de informação na Internet.

Chamou-lhe “Enquire”, segundo a enciclopédia vitoriana antiga, de seus tempos de infância, chamada “Enquire within upon anything”. A revista “Time” escreveu, em 1999, que a sua invenção assegurou que “todos nós pudéssemos continuar pelo próximo século a nos questionar sobre qualquer coisa”.

A fonte da informação espiritual também nos encoraja a questionar qualquer coisa. Age como uma tecnologia sem fios, como uma informação rápida do espírito – uma rede mundial de valores éticos e espirituais – à qual nós podemos nos ligar todos, e a partir da qual podemos transferir informação onde quer que estejamos localizados. É verdadeiramente global. Mas também está no nosso interior, no silêncio do coração humano.

Uma informação espiritual transmite-nos um sentimento de calma e de segurança, coragem e inspiração, uma perspectiva e um propósito na vida. É muito mais do que a simples consciência – embora possa voltar a despertar uma consciência adormecida, levando-nos, talvez, a pedir desculpas por erros do passado, recuperar-nos de decepções ou optar por esquecer ressentimentos e ódios.

O empresário da Internet Bela Hatvany compara isto ao sistema nervoso central que permite que o corpo humano funcione.

Esta experiência de encontrar informação espiritual é comum a muitas pessoas de muitas tradições de fé e também pode ser verdadeira para os não-religiosos e agnósticos.

Nesta esfera espiritual não existe qualquer divisão digital entre aqueles que tem acesso à informação e aqueles que não a têm. A informação espiritual está disponível para todas as pessoas, em qualquer lugar, independente de sua riqueza, do seu passado, do seu credo e do seu estatuto.

O sonho de Tim Berners-Lee para uma rede mundial descrita no seu livro “Weaving the Web” (Navegando pela Rede) se tornaria “um meio muito mais poderoso para a colaboração entre as pessoas. Sempre imaginei o espaço da informação como algo a que todos têm acesso imediato e intuitivo, e não somente para explorar páginas na rede mas para criar”. Do mesmo modo, a informação espiritual leva-nos a uma ação criativa.

COMO PODEMOS TER ACESSO A ESTA VIA RÁPIDA DO ESPÍRITO ?

Muita gente no mundo pratica um “espaço da informação” diário, ou “um tempo tranqüilo” para conseguir “um acesso imediato e intuitivo” às fontes de conhecimento espirituais profundas e éticas. Usando o silêncio, podemos captar esta informação espiritual a qualquer hora do dia ou da noite para descarregar nosso correio eletrônico pessoal de nosso provedor espiritual infinito.

Uma vez que criamos o nosso espaço de informação diário, o que esperamos que aconteça ? De início, talvez nada de dramático. Talvez um sentido profundo de descanso. Um sentido de estarmos imbuídos de uma paz maior, de uma consciência mais profunda da realidade. Alguns poderão receber pensamentos muito específicos: uma tarefa para desempenhar; pedir desculpas; proteger uma pessoa; reconstituir um relacionamento ou confessar uma desonestidade. Para alguns, pode levar a mudanças profundas de direção.

Para quem tem uma religião, estes pensamentos são como sussurros de Deus, levando-nos a mudanças, dando-nos instruções, tocando nossas almas, pondo os nossos pensamentos em ordem, libertando-nos dos erros do passado e indicando-nos novos objetivos para nossa vida. Sobretudo, qualquer que seja a nossa crença

religiosa, a informação espiritual e o conhecimento revelam-nos um propósito de vida que, se for seguido, poderá ser superior aos nossos sonhos. Nunca imaginei, por exemplo, que me tornaria um editor de uma revista internacional, e que passaria vários anos a prestar serviço na Índia.

Erik Andren, que dirige programas de formação sobre valores democráticos nos países do leste europeu, utiliza uma analogia diferente. Fala que, para cada indivíduo, há um tempo para investigação e para o desenvolvimento, para reflexão e para a decisão.

QUAIS SÃO AS CONDIÇÕES PARA RECEBER A INFORMAÇÃO ESPIRITUAL, PARA PRATICAR A INVESTIGAÇÃO E O DESENVOLVIMENTO, A REFLEXÃO E A DECISÃO ?

Em primeiro lugar, o silêncio. Temos que fazer do silêncio o nosso amigo. “O silêncio”, escreve a poetisa italiana Rosa Bellino, “permite que as águas turvas de nossa mente se tornem límpidas. O silêncio é o ventre, é o espaço que nos permite ouvir ‘a harmonia e o ritmo’. O silêncio é o eixo interior que nos conduz para dentro de nós próprios até a quietude onde nos tornamos ‘crianças’ e entramos no Reino dos Céus”.

“O silêncio é o irmão do divino”, escreve John O’Donohue, no seu livro famoso “Anam Cara – spiritual wisdom from the Celtic world” (Anam Cara – sabedoria espiritual do mundo celta). “O silêncio é o grande amigo da alma... Temos que arranjar lugar para ele para que comece a trabalhar para nós... Se confiarmos e acreditarmos na nossa solidão, tudo o que precisarmos saber nos será revelado”.

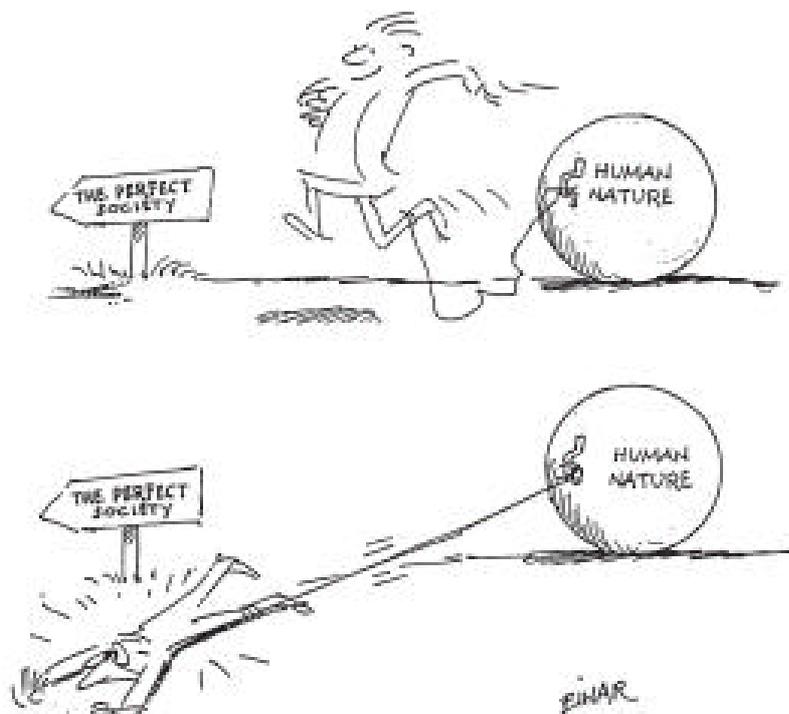
Mahatma Gandhi escreveu que o silêncio era “uma necessidade quer física quer espiritual para mim... Na atitude de silêncio, a alma encontra o seu caminho de modo mais claro, e aquilo que é evasivo e ilusório resolve-se de maneira clara como o cristal”.

“Quão silenciosamente, quão silenciosamente nos é dado o extraordinário dom”, dizem as palavras de uma canção popular, “assim Deus concede as bênçãos do céu aos corações humanos”. Na era da informação, vemos que a verdadeira inspiração vem no momento da reflexão silenciosa.

Quando é o melhor momento para a reflexão silenciosa? Certamente que qualquer momento. Alguns fazem-na ao final do dia, como um meio para recuperar forças. Em algumas tradições espirituais, as pessoas reúnem-se para meditar. Outros defendem que devem meditar sozinhas. Muitos têm achado especialmente vantajoso o fazerem logo pela manhã, quando não há tanta pressa. Os músicos afinam os seus instrumentos antes do concerto e não quando este termina. Assim, nós também podemos afinar as nossas mentes antes que a pressão do dia incida sobre nós. Para mim, isto tem sido uma disciplina diária há cerca de 40 anos.

Este “espaço de reflexão” matutino, como tem sido chamado, ajuda-nos a estabelecer prioridades, a ganhar perspectivas, a aumentar a nossa produtividade. É, em linguagem comum, uma maneira de antecipar-se ao dia antes que o dia esteja sobre nós.

Mas pode, também, levar a momentos de verdadeiro conhecimento e de sabedoria – laivos de inspiração – para nós mesmos, para outros, para as situações que temos que enfrentar, para o mundo onde vivemos. Poderá ser um tempo onde nos libertamos de uma lista de coisas infundáveis que têm de ser feitas, ou focarmos numa decisão difícil que necessita de ser tomada. A leitura de um livro espiritual de nossa fé pode ajudar.



Para alguns, a noção de silêncio absoluto pode ser totalmente alienada. Poderá ser mais fácil afogar as dificuldades com música alta ou com uma atividade constante. Contudo, gastar tempo numa reflexão interior pode ser um meio de cura verdadeira, de perdão, de esperança e reafirmação.

Não há nada de automático nos tempos de silêncio, embora seja necessário tempo suficiente – pelo menos meia

hora – para que o pensamento inesperado apareça de surpresa na mente e no coração.

Há uma outra grande vantagem no escutar o silêncio. Aumenta a nossa inteligência emocional – a nossa empatia pelos outros e aquilo que eles realmente nos querem transmitir. Não somente as suas palavras, mas as suas palavras ocultas e interiores, a sua linguagem corporal, as suas esperanças e medos, a sua dor, as decepções e desejos, o olhar dos seus olhos. Poderemos começar a entender as suas necessidades reais e interessarmo-nos por elas.

Uma segunda condição para receber informação espiritual é verificar o nosso antivírus pessoal. Temos que ter certeza que a informação que recebemos da ainda pequena voz interior não está corrompida pelos nossos motivos suspeitos e pelas nossas decepções.



Os valores morais – a honestidade, a pureza, o altruísmo e o amor pelas pessoas – dão uma ajuda. Agem como um antivírus de um computador que filtra as mensagens eletrônicas, só permitindo a visualização das que vem de fontes seguras. Tais valores nunca nos protegerão totalmente das tentações – ódio, inveja ou vício, por exemplo – mas podem evitar que sucumbamos. Ajuda-nos a ultrapassar o lado escuro da nossa natureza. Evitam que atuem mal e liberta-nos para agirmos bem. Paradoxalmente, a disciplina pessoal é a vida para a liberdade pessoal.

Estes valores são, também, grandes niveladores. Estamos todos no mesmo barco: falta-nos a todos o ideal. Muitos compararam os valores morais à Estrela do Norte – um ponto fixo no universo através do qual os marinheiros, durante séculos, guiaram seus barcos. O absoluto é intocável mas fornece-nos uma estrela para nos guiar.

Aqueles que se inspiram em Cristo, como eu próprio, acreditam que Ele viveu uma vida perfeita. Todas as tradições religiosas seguem o exemplo dos seus profetas. Mahatma Gandhi falava da “voz interior” e da necessidade de “fazer de Deus o seu guru”. Os budistas defendem a prática da meditação e distanciamento. Para os muçulmanos, a própria palavra “islam” significa submissão à vontade de Deus e à

paz dentro e entre os seres humanos. Os judeus e os cristãos encontram Deus na “voz calma” interior.

Procurar o ideal não é arrogância mas humildade perante o tempo e o espaço eterno. Necessitamos da graça do perdão e de reconhecermos que, de um modo ou de outro, todos temos defeitos. Mas também podemos afirmar que o que damos aos outros é o mesmo que recebemos deles. O ódio gera, muito facilmente, o ódio; o amor gera o amor. Quando executamos diariamente o antivírus, ficamos libertos dos motivos egoístas. Livres para cuidar dos outros de maneira criativa.

Em terceiro lugar, quando vamos ao computador para pesquisar uma informação espiritual, é útil imprimi-la em vez de deixá-la no disco rígido das nossas mentes. Escrever os nossos pensamentos mais íntimos é uma grande ajuda para a memória, de modo a que não sejam convenientemente ignorados ou esquecidos.

O Padre Alphonse Gratry (1805-72) escreveu: “Perguntam-me como posso escutar Deus. Esta é a resposta: escreve-se”. Um provérbio chinês antigo diz que “a tinta mais pálida é mais forte do que a memória mais sólida”.

Finalmente, podemos partilhar os pensamentos que recebemos com a família em que confiamos, com amigos, com colegas e com mentores espirituais – e mesmo com aqueles que julgamos que, provavelmente, discordam de nós – antes de atuar sobre tais pensamentos. Ao sermos transparentes, criamos uma base para a verdade. As idéias de uma pessoa podem ser acentuadas por outras pessoas. Igualmente, uma pessoa pode transmitir uma inspiração penetrante a todo um grupo. No final, agir devido a um pensamento inspirado é um ato de fé.

Tudo isto é, então, muito mais do que simplesmente uma questão privada, sem conseqüências para os outros ou para o mundo.

O jornalista do “New Your Times” Thomas Friedman escreve no seu livro “The Lexus and the Oliver Tree” (O Lexus e a Oliveira) que uma das características da globalização são “os indivíduos com grande delegação de poderes”, que são capazes de atrair os outros para uma causa através da tecnologia da informação. Ele cita a mulher que ganhou o Prêmio Nobel da Paz pela sua campanha contras as minas, usando, em parte, o correio eletrônico. Um outro exemplo foi a campanha para o Jubileu de 2000 em prol do perdão da dívida internacional, que também dependeu da mobilização da opinião pública. Membros do movimento ATTAC (Associação para a Taxação das Transações Financeiras para a Ajuda aos Cidadãos), que fizeram uma

campanha em fóruns sociais e mundiais por uma globalização mais justa, dizem que pretendem “mudar o mundo”.

Friedman diz que existem seis dimensões de globalização: financeira e de negócios, política, cultural, segurança / defesa, tecnológica e ambiental. Também se poderia acrescentar a dimensão religiosa e espiritual, numa época em que diferentes tradições de fé se encontram lado a lado nas principais cidades mundiais. Friedman realça a necessidade de “globalistas” – pessoas que têm uma visão ampla, global.

Frank Buchman também expressa a sua mensagem em termos globais – “refazendo o mundo”. Por um lado, sempre que alguém decide agir de uma maneira diferente, devido a uma nova motivação, então o mundo também se torna um lugar diferente. Mas Buchman também encoraja as pessoas a “pensarem nos continentes” – deixarem que a dor e a glória do mundo se filtre através de nosso coração e da nossa mente. Viu a necessidade de termos “indivíduos com grande delegação de poderes” no contexto espiritual. Tais indivíduos, trabalhando em conjunto, contribuem para a integridade, para a justiça, para a cura e a reconciliação, e para uma boa administração dos negócios e da vida pública. Onde quer que estejamos, podemos todos fazer a diferença – nas nossas famílias, nas comunidades e nos locais de trabalho.

Para muitos, o tempo diário de reflexão tornou-se, ao longo destes anos, numa âncora e um trampolim para a ação. Tornou-se numa ferramenta indispensável para toda a vida. Se for tomado a sério, afeta todas as áreas da vida: relações familiares, o emprego, o uso do dinheiro, as amizades e, talvez, a escolha do seu parceiro na vida. Faz uma enorme diferença.

Iniciativas de Mudança (IM) é uma rede informal internacional de pessoas de todos os tipos de crença e origens trabalhando pela mudança mundial começando pela mudança em suas próprias vidas. Estes momentos de transformação pessoal em geral marcam uma nova direção na vida de uma pessoa. Algumas delas resultaram em várias iniciativas de mudança atualmente sendo praticadas por esta rede global. Dentre elas, podemos citar ‘Agenda para Reconciliação’, ‘Caux Iniciativas para os Negócios’, ‘Campanha por uma África Limpa’, ‘Criadoras de Paz’, ‘Diálogos entre Fazendeiros’, ‘Esperança nas Cidades’, e ainda ‘Ação para a Vida’, um programa de treinamento internacional. Todos se desenvolveram através do esforço individual dos participantes desta rede. IM trabalha com o princípio de que a mudança nas motivações, atitudes e comportamento das pessoas não somente são possíveis mas são a única base viável para que uma mudança maior na sociedade seja possível. Esta é a experiência de milhões de pessoas, envolvidas no trabalho de IM ou não, que decidiram iniciar o ‘processo de mudança’ em suas próprias vidas.

www.iofc.org/pt/

REFERÊNCIAS (do original em inglês)

Hardwired to Connect, YMCA, Dartmouth Medical School and Institute of American Values, 2003

Weaving the Web, Tim Berners-Lee, 1999

The Power of Silence, Rosa Bellino, For A Change magazine, Aug/Sept 2002

Anam Cara—spiritual wisdom from the Celtic World, John O’Donahue, 1998

The Lexus and the Olive Tree, Thomas Friedman, 1999

Frank Buchman: a life, Garth Lean, 1985

Hope for Today, Peter Marsh and Hugh Elliott, 1995

A experiência de Michael Smith de escutar ‘o som do silêncio’ o levou ao mundo da publicidade e jornalismo com o programa internacional de Iniciativas de Mudança. Qualificou-se em tipografia e design na Universidade de Londres em 1970. Trabalhou durante três anos na Índia (1971-74), na produção da revista semanal de Rajmohan Gandhi, ‘Himmat’, e visitou a Índia nove vezes depois publicando estórias do desenvolvimento industrial. Em 1987 tornou-se um dos fundadores-editores da revista ‘For a Change’, publicada por Iniciativas de Mudança em Londres. É autor de ‘Além do fim da linha’ (Beyond the bottom line), publicado por Industrial Pioneer. Com sua esposa, Jan, vive em Wimbledon e tem dois filhos.

